

Crescimento da cidade sepulta os 'pontos nobres'

ALVES FILHO, Manuel. Crescimento da cidade sepulta os 'pontos nobres': são raros os prédios que denunciam o luxo que caracterizava Campinas até 1940. Correio Popular, Campinas, 22 nov. 1992.

São raros os prédios que denunciam o luxo que caracterizava Campinas até 1940

MANUEL ALVES FILHO

Campinas, início da década de 40. A sociedade local, que vivia em clima de constante efervescência, elege alguns pontos da cidade como os preferidos para seus encontros. As atividades religiosas, por exemplo, ocorriam em grande parte na Igreja do Rosário, instalada no quadriângulo formado pelas avenidas Francisco Glicério e Campos Sales e ruas General Osório e José Paulino. Muitos dos eventos culturais tinham abrigo no Teatro Municipal, contruído entre as ruas 13 de Maio e Costa Aguiar. Já as festas, comparadas às dos grandes centros em termos de animação e *glamour*, aconteciam no Clube Campineiro, situado na Praça Antônio Pompeu, ao lado do monumento-túmulo do compositor Carlos Gomes. Passados 50 anos, a aristocracia campineira perdeu parcela relevante da sua história, com a destruição ou transformação desses "templos". O teatro e a igreja foram demolidos. O clube ainda sobrevive, mas não é mais lugar de elegantes reuniões sociais.

O primeiro "templo da aristocracia" a ser demolido foi a Igreja do Rosário. Construída em

1817, ela foi o palco dos casamentos mais importantes da cidade. A preferência pela igreja tinha origem na sua bela arquitetura, que contava com janelas em estilo gótico e pinturas do artista plástico Aldo Cardarelli. "As cerimônias na Igreja do Rosário normalmente eram cheias de pompa", recorda o aposentado Alfredo de Lima Júnior, de 75 anos, que era um assíduo frequentador do prédio.

Em 1956, entretanto, no governo do prefeito Ruy Novaes, a igreja foi demolida para dar lugar às obras de alargamento das avenidas Francisco Glicério e Campos Sales. Os católicos chegaram a promover uma série de protestos contra o projeto, mas de nada adiantaram. O historiador Celso Maria de Mello Puppo também tentou salvar o templo, pedindo para o engenheiro Prestes Maia, responsável pelos trabalhos, que a ampliação fosse feita nos lados opostos das vias. Não obteve êxito. "Perdemos uma grande obra de arte", afirmou à época ao Correio Popular.

Atualmente, as únicas lembranças da Igreja do Rosário estão materializadas num templo homônimo construído no bairro do Castelo, mas que não guarda as mesmas riquezas do original, e na Praça Visconde de Indaiatuba, mais conhecida como Largo do Rosário, pois encontra-se diante do prédio demolido.



Vista da Igreja do Rosário em 1956, ano em que foi demolida para dar lugar às obras de alargamento de duas avenidas: protestos inúteis